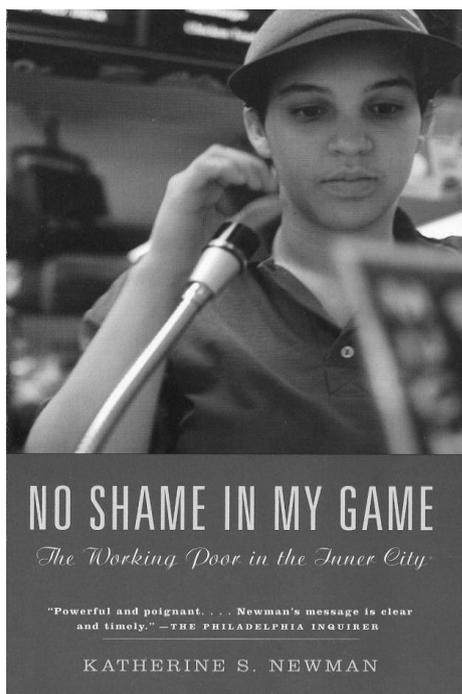


CONSEGUIR UM EMPREGO EM BAIRROS DECADENTES: EXPERIÊNCIAS DE JOVENS TRABALHADORES NO HARLEM¹.

Katherine S. Newman²

Tradução: Antônio de Pádua Bosi³



Se você dirigir pelas imediações da vizinhança suburbana de Long Island ou Westchester County⁴, não deixará de ver os anúncios “Precisa-se de Ajudante” pintados em cor laranja nas janelas dos restaurantes *fast food*. Adolescentes que têm tempo para trabalhar podem caminhar por muitas dessas lojas e conseguir um emprego antes mesmo de terminar de preencher o formulário de inscrição. Na verdade, a escassez de mão de obra (para este tipo de emprego) é um problema para os empregadores nesse negócio altamente competitivo. Portanto, embora isto possa diminuir os lucros, patrões que têm seus negócios localizados em bairros e pequenos centros comerciais de muitas partes ricas do país se veem forçados a aumentar a remuneração⁵ dos trabalhadores e a redobrar os próprios esforços para recrutar empregados, muitas vezes procurando por aposentados quando não existe oferta de força de trabalho jovem.

¹ Este texto corresponde ao terceiro capítulo do livro da antropóloga Katherine Newman, **No Shame in my Game: the working poor in the Inner City**. New York: Russel Sage Foundation/Vintage Books, 1999, 388p. No livro, a autora investiga a realidade de jovens trabalhadores empregados no McDonald's (Harlem, em Manhattan/NY), e argumenta que, a despeito dos baixos salários e de notória carência social devido à falta de suporte do Estado, tais pessoas ainda mantêm uma forte referência no mundo do trabalho. Para tornar mais claro o assunto tratado no capítulo, já que ele assume aqui o formato de artigo, decidimos associar ao título original do capítulo *Getting a Job in the Inner City* o subtítulo *Experiências de jovens trabalhadores pobres no Harlem*.

A revista **Tempos Históricos** agradece a atenção e generosidade da Professora Katherine Newman que nos permitiu publicá-lo. A tradução e publicação foram autorizadas pela Random House. Inc. Agradecemos também a Jennifer Chang Rowley que nos atendeu gentilmente e encaminhou nosso pedido.

² Katherine S. Newman é Antropóloga e Professora no Departamento de Sociologia da Princeton University. Sobre o mesmo tema ela publicou em co-autoria com Victor Tan Chen, **The Missing Class: Portraits of the Near Poor in America**. Boston: Beacon Press, 2007.

³ É Professor nos cursos de Graduação e Mestrado em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

⁴ *Long Island* é uma ilha no estado de Nova Iorque, EUA, onde estão localizados os bairros Cidade de Nova Iorque, Brooklyn, Queens, Nassau e Suffolk. *Westchester County* é um dos 62 condados do estado americano de Nova Iorque e tem uma população de quase 1 milhão de habitantes, conforme o censo nacional de 2000. [Nota do Tradutor].

⁵ Traduzi *wage* por remuneração uma vez que nos Estados Unidos *wage* representa o salário composto por hora, dia ou tarefa e, geralmente, é recebido por dia ou semana. [Nota do Tradutor].

Considerando a parte central do Harlem, esta realidade soa como uma notícia de outro planeta. Empregos, até mesmo péssimos empregos, estão tão escassos que os adolescentes de bairros decadentes são preteridos por adultos desesperados procurando uma ocupação. Os gerentes da Burger Barn⁶ raramente expõem aqueles anúncios “Precisa-se de Ajudante”, e alguns deles nunca, em toda história de seus restaurantes, colocaram este tipo de anúncio. Eles têm um fluxo constante de candidatos entrando pela porta, o que lhes permite ser muito exigentes em relação às pessoas que preenchem os cadastros para emprego. Na verdade, minha pesquisa mostra que entre os estabelecimentos de *fast food* no centro do Harlem a taxa de cadastros preenchidos é de 14 por 1. Para a sorte de muitas pessoas que conseguem um desses empregos de salário mínimo, há outras treze que vão embora de mãos vazias. Uma vez que esses candidatos também procuram por outros empregos, nós devemos supor que a diferença total entre a oferta e a demanda por trabalhadores não é tão grande assim. Todavia, quase $\frac{3}{4}$ dos candidatos mal-sucedidos que nós entrevistamos estavam desempregados um ano depois que se candidataram-se a Burger Barn, o que indica que a maioria deles não obtivera sucesso também na procura de outros empregos.

Estimativas indicam que a diferença entre o número de pessoas que precisam de emprego (os desempregados e as pessoas que recebem recursos de algum programa de assistência social) e o número de empregos disponíveis em Nova Iorque chega a quase 1 milhão⁷. Este é um número surpreendente – que certamente pode estar exagerado uma vez que inclui muitas pessoas que estão desempregadas há pouco tempo, mas ele deveria chamar nossa atenção para a natureza crítica da questão do emprego, especialmente para trabalhadores pouco qualificados de bairros decadentes⁸.

Longas filas de desempregados pressionam para baixo os salários de modo que encontrar um emprego não é uma tarefa difícil. Fritar hamburger no Harlem geralmente é uma ocupação que não supera o salário mínimo. Trabalhadores mais antigos como Kyesha Smith⁹ não veem muita recompensa financeira por sua lealdade. Depois de 5 anos

⁶ A autora chama de *Burger Barn* a rede de restaurantes *fast food* que investigou. Na realidade trata-se da rede McDonald's. [Nota do Tradutor].

⁷ A *Greater Upstate Law Project* e *Housing Works* (organizações que defendem direitos sociais) prepararam esta análise dos relatórios administrativos do governador Pataki e de dados dos Departamentos do Trabalho e do Serviço Social da cidade de Nova Iorque. Tal análise mostra que 570.100 nova iorquinos estão desempregados e 618.628 adultos estão utilizando a AFDC (Auxílio para Famílias com Crianças Dependentes) ou a *Home Relief* (programa de renda mínima criado durante a Grande Depressão) num universo potencial de 1.2 milhão de pessoas que procuram emprego. O Departamento de Trabalho, *Occupational Outlook Through 1999* (1995), avalia que 242.620 empregos estariam disponíveis a cada ano entre 1996 e 1999. A diferença entre a oferta potencial e a demanda potencial está, portanto, próxima de 1 milhão no Estado de Nova Iorque. Somente na cidade de Nova Iorque, existem 282.100 pessoas desempregadas e 442.120 adultos recebendo algum tipo de assistência pública. A diferença numérica entre essas pessoas que procuram emprego e a projeção de 90.980 empregos abertos na cidade de Nova Iorque feita pelo Departamento do Trabalho cria uma “falta” de 633.240 empregos, ou seja, mais que a metade do total do Estado. Sobre isto, conferir *Greater Upstate Law Project*, “New York State Employment: Job Seekers, Job Gap” (March 1996); and *Greater Upstate Law Project*, “New York State Employment Job Gap, Updated” (June 1996).

⁸ A cidade de Nova Iorque está experimentando uma recuperação moderada da severa recessão local que aconteceu no período de 1989 a 1992. O Escritório Municipal de Gestão e Orçamento previu um aumento líquido de 92.000 empregos para o período de 1995 a 1999. Se esta previsão se confirmasse haveria ainda uma perda líquida de 200.000 empregos entre 1989 e 1999. Sobre isto, conferir “Work to Be Done: Report of the Borough Presidents’ Task Force on Education Employment and Welfare (August 1995).

⁹ Kyesha Smith tinha 20 anos quando foi entrevistada por K. Newman em 1995. Em 1999, novamente procurada por Newman, Kyesha estava então com 24 anos. Completou nove anos trabalhando no McDonald's (ela falsificou sua idade logo que começou a trabalhar). Mãe de uma criança de 5 anos, ela também se ocupava com a faxina do prédio onde morava, seu segundo emprego. Cabe acrescentar que a maioria dos jovens entrevistados 53,3% são

trabalhando na Burger Barn ela recebia 5 dólares por hora, somente 60 centavos a mais que o salário mínimo daquele tempo. Carmem¹⁰ e Jamal¹¹ não têm conseguido nada melhor. E isto não acontece porque eles não têm valor; na verdade eles têm. Isto acontece porque as curvas de oferta e procura de emprego, familiares aos estudantes de economia, estão operando pra valer em comunidades pobres, enquanto em lugares como *Long Island* ou *Madison, Wisconsin*, os mesmos empregos estão pagando mais do que 7 dólares por hora. A demora para encontrar um emprego não faz com que milhares de residentes em bairros decadentes parem de procurar. Quando a Disneylândia abriu inscrições para candidatos a emprego depois do Motim de Rodney King ocorrido na parte centro-sul de Los Angeles¹², cerca de seis mil jovens bem vestidos (a maioria de negros e latinos) formaram fila e esperaram para preencher as inscrições. Em janeiro de 1992, quando Sharaton Hotel abriu um novo complexo na cidade de Chicago, três mil candidatos passaram a melhor parte de um dia coberto de neve amontoados ao longo da margem norte do rio Chicago, esperançosos por uma entrevista. Quatro mil ansiosos candidatos enfrentaram filas que rodeavam o quarteirão em março de 1997 quando o Roosevelt Hotel de Manhattan anunciou que receberia inscrições para setecentos postos de trabalho.

Por que as pessoas procuram empregos de baixo salário em lugares como o Burger Barn? Como eles conseguem trabalhar em mercados saturados de candidatos? O que separa as histórias de sucesso, os candidatos que conseguem emprego, daqueles que são rejeitados? Estas são questões que podem ser respondidas se nós tivermos uma imagem clara de como o mercado de trabalho opera em bairros tomados pela pobreza como o Harlem.

Por que trabalhar?

Você sabe, quando eu estava desempregada, quando eu não estava trabalhando, eu costumava entrar em brigas. Bem, não eram realmente brigas, eram como discussões... [Agora, meus amigos] me perguntam, 'Por que nós não nos vemos mais?' Como?, eu não posso. Eu não tenho tempo. E, você sabe, eu não quero mais ficar no meu quarteirão porque lá é uma realidade ruim. Você sabe, é muita gente discutindo lá sem nenhuma razão. E eles atiram e fazem coisas assim.

afro-descendentes, 24,9% são filhos de latinos (23,4% são de origem dominicana, seguidos de porto-riquenhos e outros hispânicos), e 7,6% compostos de outras nacionalidades e etnias. [Nota do Tradutor].

¹⁰ Carmem é filha de dominicanos e morava com o pai e a madrasta. Ela deixara a escola para trabalhar à época da entrevista, realizada em 1994. Encontrada mais tarde por Newman, ela estava trabalhando como gerente num restaurante McDonald's durante o turno matutino, e cursava computação numa faculdade no Bronx. [Nota do Tradutor].

¹¹ Jamal tinha 22 anos quando foi entrevistado por Newman. Ele é negro, não concluiu o ensino médio e morava com sua companheira (que também trabalhava no McDonald's) num quarto alugado. [Nota do Tradutor].

¹² Rodney King é o nome de um motorista afro-americano que foi parado por quatro policiais em Los Angeles, em 1991, e violentamente espancado. Os policiais foram indiciados, mas nenhum deles foi condenado, mesmo com as provas do crime tendo sido gravadas em vídeo. Isto, somado ao fato de que todos os jurados eram brancos, detonou um Motim nas ruas da cidade, especialmente em bairros afro-americanos. Como resultado, 53 pessoas morreram, 2,4 mil pessoas ficaram feridas e registrou-se mais de um bilhão de dólares em danos materiais. Os policiais foram processados novamente em 1993. Dois deles foram condenados a dois anos de prisão, e os outros dois, absolvidos. A prefeitura de Los Angeles depois seria condenada a pagar uma indenização de 3,75 milhões de dólares para Rodney King. [Nota do Tradutor].

Jessica trabalha num restaurante *fast food* no centro do Harlem desde que tinha 17 anos. Este é seu primeiro emprego no setor privado depois de estar ocupada num programa de trabalho para jovens ao longo de muitos verões. Durante o ensino fundamental e médio, Jéssica demorava 45 minutos para chegar à escola, estudar um dia inteiro, e então vestir seu uniforme de trabalho para uma jornada de 8 horas que se iniciava no final da tarde e terminava noite adentro. Exausta desta maratona, ela teve uma breve pausa do trabalho no final do seu último ano de colégio, mas retornou quando concluiu o ensino médio. Agora, com 21 anos, ela é uma funcionária veterana do restaurante onde trabalha há três anos.

Jessica teve diversas razões para começar a trabalhar quando era uma adolescente. A principal delas era o desejo de ser independente de sua mãe e sustentar ela mesma suas necessidades. Entretanto, não menos importante era o desejo de escapar da violência das ruas e daquilo que lhe parecia ser um caminho para lugar nenhum. Muitos jovens do bairro de Jessica não têm esta preocupação. Seu próprio irmão foi baleado no peito, vítima de um erro de identificação. A mãe de Jessica por pouco escapou de uma situação parecida.

Era mais ou menos meia noite ou uma hora da manhã. Minha mãe estava no quarto dela e eu estava no meu... Eu dormia na parte de cima do beliche. Nós começamos a ouvir tiros. Então, a primeira coisa que eu fiz foi pular da cama para o chão. Depois que os tiros pararam eu fui até o quarto de minha mãe. Ela estava deitada no chão... “Está tudo bem com você, está tudo bem com você?”, ela disse. “Sim, sim”. Na manhã seguinte nós acordamos e havia um buraco de bala na janela do quarto dela. A cama dela fica na altura da janela. Sorte ela ter pulado e eu também porque a bala poderia ter vindo na direção da minha janela.

Incidentes deste tipo acontecem todo dia na vizinhança de Jessica, mas ao contrário do que geralmente se pensa, essas pessoas nunca mudam sua rotina já que tal realidade é tomada como uma “coisa normal”. Isto é uma consequência indesejável e terrível de uma comunidade contaminada por uns poucos traficantes, os únicos a prosperar na economia local.

Violência nas ruas, tiroteios e outras fontes de terror são obstáculos que Jessica e outros trabalhadores pobres da comunidade dela têm que conviver. Mas Jessica sabe que problemas deste tipo são mais frequentes entre gente jovem que não tem nada para fazer e passam o tempo nas ruas. Para ela, ir para o trabalho é um ato deliberado de ruptura com este tipo de futuro.

William, que trabalha no mesmo Burger Barn que Jéssica, tinha a mesma motivação. Afro-americano de baixa estatura, Will era uma criança gorda e atarracada quando adolescente. Geralmente era a causa de piadas e objeto de ameaças na vizinhança. Crianças maiores sempre lhe criavam dificuldades, roubando suas coisas e dando-lhe empurrões em todos os lugares. Eles tinham um prazer especial em atormentar o “garoto gordo”. William se sentia completamente derrotado. No auge de sua adolescência ele queria ocupar seu tempo com algo que o livrasse dessas tensões comuns ao lugar onde morava, no sul do Bronx. Muitos rapazes da idade dele estavam envolvidos com drogas, mas Will dizia que “felizmente eu nunca mexi de fato com esse tipo de coisa”. Depois de um emprego temporário no verão ele encontrou algo mais apropriado para si: trabalhar no Burger Barn. Ter aquele trabalho tirava-o das ruas e o mantinha num lugar seguro: “O trabalho era bom. (...) Era divertido,

realmente divertido. Não tinha drogas. Ninguém te criava dificuldades. Éramos apenas nós mesmos. Isto era legal”.

Para Stephanie os problemas não estavam somente nas ruas, mas na sua própria casa. Quando era adolescente, sua mãe alugava quarto para jovens homens e suas namoradas com os quais Stephanie nem sempre conseguia conviver. A rotina era tensa e eventualmente violenta, com cenas de facadas. Por pior que fosse, Stephanie voltou toda sua atenção para o trabalho. Ela dedicou-se ao trabalho, acreditando que seu salário poderia lhe tirar daquela vida ruim. Exatamente porque tinha um salário, ela conseguiu colocar os pés no chão e insistir que sua mãe se desfizesse daqueles arruaceiros.

No final do mês, eu falei pra minha mãe que se (aquele rapaz) não fosse embora eu não voltaria pra casa. Ela não precisava se preocupar comigo. Eu tinha este pequeno trabalho e eu podia me sustentar. Eu chamaria minha prima para alugar um quarto. (...) Desde então, minha mãe tentou fazer as coisas direito. Ela disse que ele precisava sair até o final do mês e então, por isso, ele iria embora.

Viver onde vive tornou Stephanie uma especialista em saber o que acontece com as pessoas que não fizeram a mesma escolha que ela. Pessoas que cresceram com ela, vizinhos e namorados de algumas amigas mais próximas envolvem-se com a violência e em confrontos com a polícia. Isto acontece com assustadora frequência no seu bairro.

(Gary) o namorado da minha amiga foi baleado. Gary e seus amigos sempre ficavam parados ali naquela esquina. Sempre. Era o lugar deles. Alguns de seus amigos vendiam drogas no nosso quarteirão e passaram por ele. Então outros rapazes atiraram em Gary. Acertaram sua perna direita. Eles disseram que “você não pode vender [droga] no meu quarteirão”. Ele teve sorte porque a bala só raspou nele. Era uma bala que explodia, e então arrancou um pedaço do joelho dele.

O único resultado positivo desse tipo de situação é a determinação de Stephanie para levar uma vida completamente diferente. Ela não ignora as consequências de ficar próxima do comércio de drogas. Isto lhe deixa confiante de que, frente a muitos obstáculos (não menores dos que se pode encontrar numa vida familiar caótica), um trabalho honesto de baixa remuneração é preferível a ser confundida com traficantes¹³. Em função de terem pouca escolha e de viverem em bairros onde os aluguéis são baixos, trabalhadores pobres frequentemente se encontram em contextos sociais parecidos com o de Stephanie. Eles têm poucos amigos e vizinhos que trabalham em empregos por pouca renda. Estes também estão próximos de criminosos que têm negócios nesses bairros pobres. E a exposição frente as pessoas que tomaram o caminho errado é uma boa razão para procurar um refúgio seguro como o Burger Barn.

¹³ Traficar drogas não tende a ser um negócio para mulheres. Geralmente, o crime é um negócio masculino. Nós sabemos por meio de pesquisas sobre a juventude que um grande número de homens jovens de bairros pobres reconhece que eles participam em atividades criminosas. Richard B. Freeman, “Why do many American men commit crimes and what might we do about it?” (NBER Working Paper 5451, 1996), argumenta que o crescimento da atividade criminal entre homens jovens com baixa qualificação profissional tem sido influenciada pela falta de incentivo do mercado de trabalho nas décadas de 1980 e 1990.

Há muitos fatores que impulsionam a juventude do Harlem a procurar trabalho. Mas existem também muitos estímulos positivos. Mesmo sendo adolescentes Jessica, William and Stephanie estão ansiosos para poderem bancar suas próprias coisas e, assim, livrar suas famílias deste tipo de obrigação. Nisto eles são típicos dos dois mil trabalhadores do Burger Barn que eu pude acompanhar, sendo que a maioria destes começou a trabalhar quando tinha treze ou quinze anos de idade. Esta experiência precoce de ingresso na força de trabalho envolve funções como empacotar mercadorias ou trabalhar na informalidade em mercearias locais, ou seja, uma atividade trivial sob o olhar atento de um adulto que geralmente era um amigo da família ou um parente que conseguiu ser dono de um negócio.

Começar a trabalhar com treze anos é algo familiar para alguém que viveu ou leu sobre a Grande Depressão de 1930, quando famílias da classe trabalhadora enfrentaram tempos difíceis e, com frequência, mandaram seus filhos a procura de trabalho. Esta realidade contrasta com as expectativas predominantes da classe média do mundo atual, em que adolescentes falam em se concentrar nos estudos e nas ligas de futebol, deixando o mundo do trabalho para mais tarde¹⁴.

Contudo, a maioria dos trabalhadores pobres vem de lares onde a realidade da década de 1930 lhes é bastante familiar. Pais pobres não conseguem fazer com que seus recursos financeiros sejam suficientes para os cuidados necessários com filhos pequenos e menos ainda para as demandas de adolescentes tais como comprar um novo CD ou uma jaqueta da moda – coisas que uma família de classe média rotineiramente adquire para seus filhos (juntamente com uma segunda linha de telefone, acesso a carro e muitos outros itens caros). Adolescentes de bairros pobres não podem nem mesmo sonhar com tais luxos. Para essas famílias é difícil encontrar recursos até mesmo para pagar o transporte, roupas, livros e outras despesas básicas. Enquanto pais de classe média sentem-se negligentes caso precisem que seus filhos assumam eles próprios esses custos (sem mencionar os supérfluos), muitos pais pobres consideram isto perfeitamente normal. Sejam nascidos na América ou recém imigrados, estes pais geralmente começaram a trabalhar quando eram muito jovens e consequentemente acreditam que um “bom” garoto não deveria vadiar em seu tempo livre (nos verões, depois da escola e durante as férias), mas deveriam trazer algum dinheiro para casa.

Burger Barn não paga o suficiente para alimentar e abrigar uma família pobre. Neste contexto, empregos deste nível não permitem qualquer tipo de independência verdadeira. Apenas possibilitam que garotas como Kyesha e Carmem compartilhem da cultura da juventude. Muitos advogados têm demitido adolescentes por estas razões, reclamando que sua motivação para o trabalho resume-se a desejos infantis por “correntes de ouro e tênis da moda”¹⁵. Jessica e Will querem ter uma aparência bonita, mas grande parte do que recebem é

¹⁴ Muitos estudantes jovens que trabalham são oriundos de famílias menos favorecidas. D. C. Gottfredson, “Youth Employment, Crime and Schooling: A longitudinal study of a National Sample”, **Development Psychology**, 21, 1985, pp. 419-432. Ver também Catherine M. Yamoore and Jaylin T. Mortimer, “Age and Gender differences in the effects of employment on adolescent achievement and well-being”, **Youth and Society**, 22, n.2, Dezembro de 1990, pp.225-240. Já trabalhadores adolescentes mais velhos podem proceder de lares da classe média.

¹⁵ Estudiosos também afirmam que o interesse em comprar mercadorias é a primeira razão para procurar um emprego; ver Ellen Greenberger e L. Steinberg, **When Teenagers Work** (Basic Books, 1986), e Laurence Steinberg, **Beyond the Classroom** (Simon & Schuster, 1996). Isto se deve, em alguma medida, à mudança na composição da força de trabalho adolescente, uma vez que grande parte dela é formada pelas classes baixas. Ver Joseph F. Kett, **Rites of Passage** (Basic Books, 1977). Atualmente, a força de trabalho adolescente, que cresceu enormemente desde a década de 1950, também é formada por pessoas jovens de classes médias consolidadas, cujos ganhos totais, em muitos casos, podem ser gastos em supérfluos. Steinberg, por exemplo, concluiu que

gasta com despesas básicas. Quando ela ainda estava no colégio, Jessica pagava seus próprios livros, transporte escolar, lanches e roupas. Depois que concluiu o ensino médio ela assumiu mais do que sua própria manutenção. Sua mãe banca a casa, mas Jessica é responsável pelo resto e por uma boa ajuda para outras despesas relacionadas com as crianças.

Empregos de salário mínimo não podem bancar uma independência financeira real. Eles não podem cobrir todos os custos de vida, incluindo aluguel, comida e o restante das despesas mensais de um adulto. O que Jéssica pode fazer com seu dinheiro é cobrir pequenos custos referentes a sua presença na casa, separando alguma coisa para contribuir com a manutenção das despesas. Trabalhadores jovens, particularmente aqueles que moram com os próprios pais, geralmente dão parte do seu dinheiro para o arrimo da família como um tipo de aluguel. Deste modo, jovens trabalhadores pobres participam de uma estratégia de composição de renda que torna possível a sobrevivência de tais famílias – coisa que não conseguiriam caso vivessem separados. Sem as contribuições desses jovens a manutenção de famílias pobres seria cada vez mais insustentável, principalmente naquelas onde as mães recebem assistência pública¹⁶.

Esta situação ainda é mais notável entre imigrantes e minorias nativas que não são incorporadas pelo sistema de assistência social do Estado. Para famílias pobres não conectadas com o sistema de assistência social americano a sobrevivência depende de terem muitos trabalhadores para conseguir dinheiro¹⁷. Nesse contexto, desde muito cedo, surgem pressões para que as crianças mais velhas consigam trabalho para poderem ajudar seus pais com as despesas, não importa qual seja o salário. Ana Gonzales é um desses casos. Ela tem vinte e um anos e trabalha desde os quinze. Oriunda do Equador ela seguiu seus pais que imigraram alguns anos antes dela e atualmente trabalham numa fábrica em Nova Jérsei. Ana completou sua educação no Equador e conseguiu um emprego num escritório. Ela imigrou aos dezoito anos e juntou-se a dois irmãos mais novos e a uma irmã com vinte anos em Nova Iorque. Ana quer ir para faculdade, mas no momento trabalha em tempo integral num restaurante *fast food* no Harlem com seu irmão de dezesseis anos. Sua irmã é responsável por cozinhar e cuidar de seu irmão de cinco anos, uma tarefa que Ana assume quando não está trabalhando ou frequentando aulas de inglês.

A família Gonzales é típica das famílias de imigrantes que integram a economia de baixa renda do Harlem e de Washington Heights¹⁸. Ela tem uma forte semelhança com as

somente 10% dos trabalhadores adolescentes entrevistados por ele economizam grande parte ou todo o salário para despesas com a faculdade. Steinberg, **Beyond the Classroom**, p.167. A maior parte dos salários é gasta com roupas, carros, aparelhos de sons e festas.

¹⁶ A pesquisa de Kathryn Edin, baseada em 214 entrevistas com mães contempladas pelo *Aid to Families with Dependent Children* (AFDC) de quatro cidades, esclareceu que o bem estar destas famílias não pode depender somente do Estado. Edin concluiu que a somatória do AFDC, de vales-refeição e do *Supplemental Security Income* (SSI) perfazem 63% da renda mensal dessas mães (que são suficientes apenas para cobrir despesas básicas). Contribuições vindas das crianças, da família e de amigos respondem por pequenos – mas significativos – 7% da renda. Ver Kathryn Edin, “Single Mothers and Child Support: The possibilities and limits of child support public”, **Children and Youth Services Review** 17, n. 102, 1995, pp.203-230. [*Supplemental Security Income* é um benefício mensal pago pelo governo dos Estados Unidos para pessoas acima de 65 anos, deficientes físicos ou pessoas necessitadas. Nota do Tradutor].

¹⁷ Ver Marta Tienda e Jennifer Glass, “Household Structure and Labor Force participation of Black, Hispanic, and White Mothers”, **Demography** 22, n.3, 1985, pp.381-394. Através de uma análise estatística sobre os dados de 1980 da CPA, Tienda e Glass concluíram que o número e a composição de adultos em grandes famílias afetam sua participação na força de trabalho. Em famílias grandes as dificuldades financeiras são aliviadas porque as obrigações com as crianças e outras tarefas domésticas estão divididas entre muitos adultos, o que permite uma proporção maior de assalariados por família.

¹⁸ *Washington Heights* é um bairro localizado no extreme norte de Manhattan. [Nota do Tradutor].

famílias portoriquenhas de outros lugares do país¹⁹. Os pais e os adolescentes trabalham. Apenas as crianças mais novas conseguem frequentar a escola. Na realidade, frequentemente o mais novo é escolhido para aprender e usar a língua inglesa em nome da família. As crianças mais jovens, com cinco ou seis anos, são designadas como intérpretes nas negociações entre os pais e os senhorios, professores e todo mundo que fala inglês no mundo fora do bairro²⁰. A estrutura social desse tipo de família está escorada em pessoas que, ao mesmo tempo, trabalham fora e em casa cuidam das crianças e realizam as demais tarefas domésticas²¹. Pais que não dominam a língua inglesa (e geralmente numa condição de ilegalidade no país) raramente estão em posição de ajudar seus filhos sem que eles próprios contribuam com os pais. Os empregos que eles conseguem dificilmente pagam o suficiente para garantir uma criação onde a educação e o lazer sejam as atividades predominantes das crianças até os dezoito anos. Ao contrário disso, eles precisam contar com seus filhos e, no máximo, esperar por uma eventual ascensão social das crianças mais jovens caso estas consigam permanecer numa escola o tempo suficiente para obter uma boa ocupação no futuro.

Trabalhadores mais velhos, especialmente mulheres com crianças para sustentar, têm outros motivos para entrar no mercado de trabalho de baixa renda. Como muitos pais eles têm obrigações financeiras: aluguel, roupas, comida e todas as responsabilidades associadas com a criação dos filhos. Entretanto, dentre as mães solteiras que trabalham no Burger Barn, são poucas as opções de empregos que pagam mais e a vontade de evitar a assistência social é poderosa²². Isto é particularmente verdadeiro para mulheres que tiveram filhos quando eram adolescentes e saíram da escola para cuidar deles.

Latoya, uma das amigas mais próximas de Kyesha Smith no Burger Barn, teve seu primeiro filho aos dezesseis anos de idade. Ela casou-se aos dezessete e então teve outro filho, mas o casamento ficou instável. Seu marido era violento e está preso atualmente. Latoya aprendeu o que é sentir-se vulnerável e está certa de que nunca vai se tornar dependente de novo. Ela vive com Jason, seu companheiro, um hábil carpinteiro com quem teve um filho. Jason ganha um bom dinheiro, muito mais do que Latoyla consegue receber em seu trabalho. Agora que ela tem três filhos, mais a filha do primeiro casamento de Jason, ela está tentando deixar o emprego e apenas cuidar deles. Afinal, é difícil cuidar de quatro filhos, mesmo com a ajuda de Jason, e ainda ter um emprego de tempo integral. Ela mal tem energia para arrastar-se até a cama para dormir e esquecer as coisas que tem que fazer no dia seguinte.

¹⁹ Para uma descrição das famílias portoriquenhas que moram em *Sunset Park*, Brooklin, ver Mercer Sullivan, "Getting Paid", **Youth, Crime, and Work in the Inner City**, Cornell University Press, 1989.

²⁰ Muitas crianças jovens de famílias imigrantes são enviadas para casa com a finalidade de cuidarem de parentes que ainda residem nos países de origem. Patricia Pessar, "The Role of Households in International Migration and the Case of U.S.-Bound Migration from the Dominican Republic", **International Migration Review** 16, n.2, 1982, pp.342-334.

²¹ Para uma discussão sobre a estrutura da cooperação (e relações) das famílias (e residentes) imigrantes, ver Sarah J. Mahler, **American Dreaming: Immigrant Life on the Margins**, Princeton University Press, 1995; Sherri Grasmuck and Patricia Pessar, **Between Two Islands: Dominican International Migration**, University of California Press, 1991; Lloyd H. Rogler and Rosemary Santana Cooney, **Puerto Rican Families in New York City: Intergenerational Processes**, Waterfront Press, 1984; Nina Glick Schiller, Linda Bash and Cristina Szanton Blanc, eds., **Towards a Transnational Perspective on Migration: Race, Class, Ethnicity, and Nationalism Reconsidered**, New York Academy of Sciences, 1992; Alejandro Portes and Ruben G. Rumbaut, **Immigrant America: A Portrait**, University of California Press, 1990; Nancy Foner, ed., **New Immigrants in New York**, Columbia University Press, 1987; and Leo R. Chavez, "Coresidence and Resistance: Strategies for Survival Among Undocumented Mexicans and Central Americans in the United States", **Urban Anthropology** 19, n.1-2, 1990, pp.31-61.

²² Em todo o país, as mães solteiras com crianças e arrimas da família têm taxas de participação no mercado de trabalho maiores do que as mães casadas. Tienda e Glass, "Household Structure and Labor Force participation of Black, Hispanic, and White Mothers", op. cit., p.391.

Mas a experiência de Latoya com seu primeiro marido ensinou-lhe que nenhum homem vale o sacrifício de ser independente.

Este foi meu primeiro emprego de verdade. (...) Eu levei a sério, você sabe. (...) Ele significou muito para mim. Ele me deu – qual é a palavra que estou procurando? Segurança. Porque muitas mulheres casadas, como quando eu era casada com meu marido e ele me deixou, o peso de todas as responsabilidades foi deixado comigo. Se (Jason) me deixar agora, eu posso lidar com isso porque estou trabalhando. (Jason) me ajuda – nós dividimos as contas meio a meio. Mas se ele me deixar, eu não vou dizer, bem, “Oh meu Deus, eu estou abandonada. Eu não tenho dinheiro”. Não. Eu tenho um pouco de dinheiro no Banco. Eu consegui meu pé de meia. Você sabe, então isto significa muito para mim. Eu não deixaria meu emprego.

Para Latoya, bem como para muitas mães trabalhadoras, trabalhar é uma apólice de seguro contra a dependência em relação aos homens que podem separar-se delas a qualquer momento²³.

Dando um jeito

Tiffany tinha pouco mais de dez anos de idade quando procurou emprego pela primeira vez. Naquele tempo ela ainda vivia com sua mãe em Bedford-Stuyvesant, no Brooklyn, mas estavam em dificuldades. “As coisa iam mal”, ela lembra. “As contas não paravam de chegar. E o que aconteceu é que nós precisávamos de comida. (...) Então eu comecei a empacotar material numa loja local. Depois de um dia inteiro, eu conseguia o bastante para comprar mantimentos”. A pequena Tiffany não estava economizando para comprar um cordão de ouro. Ela estava tentando ajudar a pagar as despesas de uma família que caía aos pedaços.

Mas empacotar não era um emprego formal, legalizado. Na verdade ele era bastante perigoso.

Nós ficávamos à disposição dos caixas. Discrição era com o dono da loja. Porque eles tiravam algo da gente às vezes. Era quase igual a você ver, numa escala maior, uma organização criminosa. (...) Era como uma pequena gangue indo para cima dos empacotadores. Até mesmo o chefe dos empacotadores extorquia nosso dinheiro. Uma vez eu apanhei de um rapaz porque eu era a única menina ali. Eu não estava dando nada do meu dinheiro e ele me intimidou. Eu estava com medo e não voltei lá por um tempo.

Mesmo assim, Tiffany sentia que estava fazendo algo útil, alguma coisa importante. Quando os clientes lhe dão gorjeta, ela pensa no quanto já recebeu, e sente que nunca ganhou tanto, embora num dia inteiro de trabalho não seja possível receber mais do que 50 centavos de dólares.

Quando Tiffany tinha treze anos de idade, sua mãe a deixou num orfanato do Sistema de Assistência Social de Nova Iorque. De certo modo, sua mãe teve mais estabilidade à

²³ Esta motivação para o emprego não é incomum. Ver Arlie Hochschild, **The Second Shift: Working Parents and the Revolution at Home**, Viking, 1989, pp.128-141.

medida que sofreu menos pressão para colocar comida dentro de casa. Mas, até mesmo orfanatos têm regimentos. São lugares espartanos, com muitas regras e regulamentos. Uma vez que estava em férias da escola, Tiffany queria escapar daquela atmosfera militar e encontrar alguma coisa útil para fazer. Ela também queria ganhar algum dinheiro, já que o orfanato considerava isto um extra, como um fundo a ser gasto em coisas como cinema.

Ironicamente, por estar ligada à Assistência Social, Tiffany tinha acesso direto aos programas de emprego para jovens de minorias étnicas, chamados de “programas para juventude de verão” e voltados para muitos garotos de bairros decadentes. Através do bom trabalho de sua assistente social, ela encontrou um emprego como auxiliar num escritório que prestava ajuda a vítimas de violência doméstica. Com treze anos, Tiffany atendia ligações de mulheres que tinham sido espancadas e buscavam algum tipo de refúgio. Tiffany gostou deste tipo de ocupação: o ambiente era limpo, o ar-condicionado tornava-o confortável (enquanto seus amigos trabalhavam para estacionamentos, suando sob o sol quente), e o sentimento de importância que vem com o prestígio (mesmo que pequeno) e a capacidade de ajudar alguém com problemas. Esta experiência fez com ela desejasse trabalhar numa agência de assistência social.

Trabalhando no *summer youth*²⁴, Tiffany descobriu um dos significados de um pagamento recebido do governo. Como os demais cheques do Seguro Social estes salários eram entregues a cada quinze dias, às sextas-feiras, para milhares de jovens que trabalham na cidade. Todo mundo sabia quando aqueles cheques estariam disponíveis.

Havia um clima de medo envolvido. Milhares de pessoas estavam recebendo seus cheques. Havia muitas pessoas que roubavam seu cheque. Pessoas que te seguiam até o caixa e tomavam seu dinheiro. Na fila, você tinha que levar um amigo para te acompanhar. Se você fosse esperto, você não sacaria o dinheiro imediatamente. Você iria pra casa e lá procuraria um caixa no bairro. Mas você conhece a juventude, eles queriam pegar o dinheiro e ir para o shopping gastá-lo.

A despeito desses problemas, Tiffany aprendeu muita coisa neste emprego que ela poderia aplicar noutros empregos quando ela fosse mais velha. Ela descobriu que trabalhar implicava assumir responsabilidades que eram delegadas a ela e que isto nem sempre era prazeroso, mas tinha que ser feito de alguma maneira. Ela aprendeu que não podia se atrasar para o trabalho e que completar suas tarefas num tempo definido era uma expectativa que tinha que satisfazer. “Eu tinha que cumprir minhas tarefas!” Emprego público como o que tinha Tiffany é frequentemente a primeira porta de entrada para a força de trabalho em tempo integral que jovens de bairros decadentes experimentam²⁵. Viver este tipo de trajetória, que vai da atividade de empacotar em troca de gorjetas até empregos mais regulares, os ensina a rotina diária de trabalho, a se acostumarem a responsabilidades e a fazerem parte de uma empresa.

²⁴ Nos Estados Unidos existem programas de emprego voltados para jovens. É possível que K. Newman esteja se referindo ao *Summer Youth Employment Program* (SYEP), sediado na cidade de Nova Iorque e dirigido para jovens entre 14 e 24 anos. De acordo com o programa, os participantes atuam em agências do governo, hospitais, pequenas empresas, firmas de advocacia, museus etc. [Nota do Tradutor].

²⁵ Desde 1983 os programas de treinamento e emprego federais dirigidos à juventude desfavorecida têm sido financiados através do *Job Training Partnership Act I* (JTPA). O programa federal mais efetivo é o *Jobs Corps*, um programa de longa duração que educa e treina jovens e os coloca em empregos.

Iniciativas como a que Tiffany participou nasceram da vontade de dar aos jovens de bairros decadentes alguma coisa construtiva para fazer durante os meses em que não estavam na escola, um remédio contra pequenos delitos durante os verões quentes dos anos de pobreza da guerra. Mas eles têm uma grande importância, embora latente: eles são um campo de provas para uma juventude que precisa de uma introdução para a cultura do trabalho formal (assalariado). Uma posição nestes programas é, com frequência, o primeiro emprego com exigência de escolaridade que um jovem de bairro decadente pode encontrar, a primeira alternativa às ocupações temporárias, informais e sem escolaridade que os jovens encontram por eles mesmos.

O primeiro trabalho remunerado de Larry foi distribuir panfletos de propaganda na calçada defronte a uma farmácia. Não era uma ocupação popular no inverno. Larry tinha que ficar do lado de fora da farmácia no frio da neve derretida, esperando pelos consumidores que vinham e aceitavam o panfleto relutantemente. Isto durou duas semanas, até que o proprietário decidiu que a propaganda não estava acrescentando nada aos negócios. Então Larry seguiu o conselho de seus amigos e inscreveu-se para um emprego igual ao de Tiffany. Ele conseguiu trabalhar para o Conselho de Parques da cidade de Nova Iorque como um “pau pra toda obra”. “Eu basicamente fiz tudo para eles”, ele disse. “Consertei bancos, limpei o parque, ajudei pessoas velhas. Você sabe, todo tipo de coisa. Pinte, plantei, lavei, varri, tudo isso. Se eles precisassem fazer alguma coisa, era eu quem fazia”.

Trabalhando para o departamento de parques e recreação, Larry aprendeu algumas habilidades básicas de carpintaria. Ele também aprendeu o que todo recém chegado ao mundo do trabalho mais assimila: como cooperar com outras pessoas, mostrar-se disponível, escolher caminhos e demonstrar iniciativa. E o mais importante de tudo, o emprego deu a Larry uma experiência que ele poderia usar quando ele fosse procurar um novo emprego no final do verão.

Este emprego no parque me fez conseguir o emprego no Burger Barn, porque eles viram que eu experiência de trabalho, você sabe. Eles me chamaram e disseram que receberam boas críticas a meu respeito. Eu sou muito trabalhador e também sou paciente, todas as coisas que eles estavam procurando.

Muitos trabalhadores do Burger Barn na parte central do Harlem começaram no setor público. Eles conseguiram adquirir alguma experiência que fosse utilizada no próximo emprego. Tal fator os colocou à frente de muitos candidatos que não tinham tais credenciais para encontrar um emprego. Esta experiência também confere a eles uma bagagem cultural útil para ser usada em entrevistas de empregos. Grande parte da literatura sobre moradores de guetos urbanos nos conta que este tipo de conhecimento desapareceu em bairros muito pobres. Jovens desempregados de comunidades como o Harlem ou o Sul do Bronx dizem desconhecer as exigências para conseguirem um emprego ou ainda o que os gerentes buscam em pessoas como eles²⁶. Os empregadores procuram por um trabalhador disposto a quem deveriam dar uma chance ou buscam por um jovem, com as manhas da cidade grande,

²⁶ Janice Haaken e Joyce Korschgen, “Adolescents and Conceptions of Social Relations in the Workplace”, *Adolecents* 23, 1988, pp.1-14, relatam que adolescentes com maior experiência estão mais próximos das expectativas dos empregadores. Ver também James E. Rosenbaum et al., “Market and Network Theories of the Transition from High School to Work: Their Application to Industrialized Societies”, *Annual Review of Sociology* 16, 1990, pp.263-299.

vestido com roupas da moda, e que parecem ser um problema? Colégios no Harlem e noutros lugares de Nova Iorque tem dedicado alguma atenção a este problema, tentando educar os jovens acerca da realidade de um duro e difícil mercado de trabalho. Eles martelam informações nas cabeças desses jovens insistindo que eles têm que se vestirem adequadamente, falar direito e se comportar com respeito e com certa deferência. Esses jovens têm que deixar em casa toda bagagem simbólica referente à cultura vivida com seu grupo de amigos. Isto está claro em algumas falas de jovens que têm experiência com programas de emprego. Os dias em que Larry trabalhou no departamento de parques deram a ele uma chance de perceber qual era a opinião da gerência a respeito de um candidato a emprego.

Se você usa uma gíria de rua numa entrevista, você perde suas chances de conseguir o emprego. Eu acho que se você quer um emprego, você precisa falar de modo apropriado para o dono, para o empregador.

Não existem lições fáceis para aprender, principalmente para uma juventude que celebra a cultura machista e rejeita a deferência. Estudiosos que não conhecem o cotidiano das comunidades como o Harlem podem ser tentados a concluir que músicas e vídeos que exibem esta “cultura da oposição” representam uma realidade vivida. A juventude de muitos lugares é atraída pelos filmes e músicas que glorificam uma cultura isolada. Mas isto não significa que eles aplicam estas “lições” no dia a dia. Mesmo aqueles que cresceram em lares pobres, onde a ajuda do Estado tem sido a maior fonte de renda, são conscientes de que é preciso “jogar o jogo” quando você tenta conseguir um emprego. William, por exemplo, cuja mãe é ajudada por programas sociais do Estado, explica que você tem que aprender a se subordinar às demandas de uma empresa que simplesmente não se interessa por sua individualidade.

Infelizmente, quando você entra numa empresa americana você tem que falar a linguagem dela. Isto faz parte da vida. Quando você tenta entrar dentro de alguma coisa, você tem que se tornar uma parte dela. Você não pode estar dentro e ser quem você é. Uma vez que você está dentro, você pode ser o que você quiser ser. Mas para estar dentro... você precisa se tornar uma parte dela. Como você se veste, como você fala, como você se apresenta.

Se você não se dispõe a prestar atenção em como sua imagem será percebida pelo empregador, você não conseguirá o emprego. As expectativas que contam são aquelas que fazem o empregador dizer sim ou não a quem busca por emprego. E esta pessoa provavelmente tem uma ideia diferente sobre roupa, cortes de cabelo e dicção relativamente à maioria dos jovens que procuram por trabalho. Estas são as regras não escritas relacionadas a “caça de trabalho” que William absorveu há muito tempo.

Ele não precisou aderir a elas tão rigorosamente quando ele estava no programa de empregos porque ele não concorreu com muitos candidatos. Mas ele ouviu muito sobre as exigências que os empregadores fazem para que trabalhadores como ele se conformem às regras do trabalho, ou sobre as expectativas que eles têm e a insistência em que elas sejam atendidas, de tal modo que, quando Will finalmente saiu à procura de emprego, ele estava preparado. Na verdade, ele sente-se perplexo com o fato de alguém ignorar este processo e,

principalmente, as consequências advindas de uma atitude oposta ou avessa ao que é buscado pelos empregadores.

Uma vez empregado no Burger Barn, William reconheceu como é importante este “conhecimento cultural” porque ele viu muitas pessoas serem reprovadas nas entrevistas e testes. Ele sabe que sua atual patroa tem uma imagem formada na cabeça sobre o que ela deseja num empregado.

O que minha chefe procura é... ela procura caráter. Ela observa como eles se apresentam. Ela observa qual é a visão que eles têm das coisas, você sabe, sobre a vida, sobre eles próprios, sobre as outras pessoas. Porque isto é importante, especialmente se você está trabalhando num ambiente público. Então você tem que ser capaz de conviver com pessoas que você se dá bem ou não.

O trabalho no Burger Barn depende muito de uma estreita e coordenada cooperação entre os empregados. Existe muita concorrência no Harlem e o sucesso do restaurante em que William trabalha, em meio às escolhas dos clientes, depende em parte de conseguir mostrar às pessoas um clima agradável.

Helena, uma filha de dominicanos imigrados que cresceu no Upper West Side (bairro de Nova Iorque), trabalhou no Burger Barn localizado neste bairro durante diversos anos enquanto frequentava o colégio. Desempregados que desconhecem essas regras informais simplesmente são surpreendidos.

Algumas pessoas agem estupidamente. Elas não demonstram nenhum interesse ou responsabilidade, até mesmo na entrevista de emprego. Mesmo no momento da inscrição, você deveria agir, você sabe, como uma pessoa normal. Mesmo se você apenas pegou o formulário para inscrição. Porque, na hora que pega o formulário para se candidatar, eles já sabem quem você é. Não use um piercing no nariz. Isto é nojento. Não use brincos grandes. Se você não vai usá-los quando você estiver trabalhando, por que você os usaria para ir a uma entrevista de emprego? Você tem que ter um olhar sóbrio, não chateado ou deprimido.

Helena sabe que os empregadores interpretam o comportamento, as roupas e a linguagem como qualidades que estão procurando, ou características que eles tentam evitar. Ela sabe, assim como William, que você tem apenas uma chance para impressionar o empregador, de começar com o pé direito. Helena vê pessoas da sua idade falhando em conseguir emprego porque, inexplicavelmente, eles não parecem saber ou se preocupar em causar uma boa impressão. Eles não entendem que têm que demonstrar motivação. Helena tem pouca simpatia por estes “rejeitados”, já que ela acredita que estas regras são de domínio público e alguém que não as cumpre é um tolo.

É claro que isto não é suficiente para que candidatos a emprego saibam como exatamente se apresentar nas entrevistas. Ter boa aparência não é um critério único. Uma vez excedida a idade para ingressar num programa de emprego para jovens, eles têm que ter um plano, um meio de descobrir que tipo de patrão os empregaria. Encontramos poucas pessoas como eles em lojas caras no lado leste de Manhattan ou no centro comercial, mas achamos muitos deles dedicando seus esforços em alguma das possibilidades seguintes: lojas de roupas baratas, lojas de doces, lojas de variedades, farmácias, lojas de cosméticos ou

esporte, e empresas particulares de segurança que fornecem seguranças para lojas. Empregos em empresas familiares locais ou em cadeias de lojas baratas parecem ser os alvos preferidos para esses jovens. Pensando assim, habitantes do Harlem procuram emprego nas lojas próximas de onde moram ou nas áreas comerciais (fora de seus bairros) que eles conhecem bem. Isto requer certa coragem para se expor numa fila e enfrentar a possibilidade da rejeição muitas e seguidas vezes, especialmente quando procuram por emprego em bairros habitados por brancos. E enquanto poucos dentre os que procuram empregos se arriscam em zonas mais ricas no Madison Avenue, muitos vão para áreas como Upper West Side, que são dominadas por grandes lojas de departamento como o Macy's a fim de candidatar-se a empregos em lojas menos elegantes em funções como caixa, garçom, assistente de loja ou recepcionista.

Dado o estresse envolvido, muitos escolhem procurar emprego em pequenos grupos. Quando Latoya, sua irmã Natasha e os amigos de Kyesha foram procurar trabalho eles combinaram ir juntos à cidade. Seguindo este exemplo, agora pequenos grupos de jovens dominicanos e portorriquenhos trabalham numa área dominada por imigrantes. Mas não é sempre que esta abordagem é prudente. Isto pode intimidar patrões que passam a questionar se é sensato contratar grupos de jovens que são amigos entre si. Os gerentes ponderam que pode ser difícil conseguir a atenção de um grupo de pessoas desse tipo para o processo de treinamento, ou ainda mantê-los na linha durante o trabalho. Diante disso, esses jovens frequentemente percebem estas preocupações de seus prováveis chefes e então evitam chegar ao mesmo tempo a fim de se inscreverem para o emprego.

Certamente é mais divertido procurar emprego na companhia de amigos. Além disso, estar acompanhado diminui a dor de ser rejeitado. Caso alguém não tenha telefone ou uma caixa de correio segura é possível contar com a ajuda dos amigos para avisá-lo se a gerência resolver chamá-lo de volta para contratá-lo.

Contudo, a principal razão para procurar emprego juntos, ou tentar uma vaga no mesmo lugar, é que eles querem trabalhar lado a lado. Ter amigos no trabalho e fazer novas amizades lá é a maior meta para pessoas que ocupam um lugar ruim na escala salarial. Postos de trabalho desse tipo raramente tornam-se interessantes ou bem remunerados. Esses empregos geralmente são rotinizados e quando dominados se tornam tediosos, nada diferente de uma linha de produção numa montadora de carros. O que os torna importantes, afora o fato óbvio de que tais empregos representam uma fonte de renda, é a oportunidade de socialização que permite aos jovens passar horas agradáveis com seus amigos durante um tempo em que se deve necessariamente trabalhar.

Reynaldo, um latino de 18 anos de idade, trabalhou no Burger Barn durante um ano dividindo seu tempo entre o emprego e o colégio. Este foi seu primeiro emprego formal, além de outras ocupações que teve no bairro, e ele levou algum tempo para habituar-se ao emprego. O que fez tudo isso valer a pena foi o prazer que ele disse sentir enquanto trabalhava.

O ritmo de trabalho no Burger Barn é frenético. Ali você tem que fazer tudo na hora, até as coisas mais lentas. Você trabalha constantemente – como um relógio. Mas lá tem coisas boas. A comida! Você come. Algumas vezes você se diverte. Eu me divirto quando dois dos meus amigos estão lá. Nós costumamos brincar, tentamos fazer aquilo ser divertido, porque o trabalho é tedioso. Se você não tentar se divertir, esqueça. Você faz coisas um pouco mais

devagar porque você tenta se divertir. Isto é melhor do que trabalhar constantemente, senão você se sente como um robô.

Ter amigos no trabalho ajudou Reynaldo a passar o tempo e a se manter no emprego por um bom período, principalmente quando a política aplicada é “só trabalho e nada de diversão”. Além disso, os amigos dão a Reynaldo alguma “cobertura” quando ele precisa – ocasiões em que ele chega tarde para o trabalho ou quando alguma coisa sai errada na grelha onde trabalha. Todo mundo precisa deste tipo de ajuda de tempos em tempos e Reynaldo também pode ajudar seus amigos em uma enrascada semelhante.

Não é o que você sabe fazer, mas quem você conhece

Caminhar por toda cidade e entrar em todo lugar onde parece haver uma vaga para trabalho aumenta, de fato, as possibilidades de encontrar um emprego, mas, como se percebe, não há tantas vagas quanto esperam os desempregados. Os donos do Burger Barn no Harlem têm armários cheios de inscrições de candidatos a emprego de tal modo que eles não podem examinar mais do que uma fração dessas fichas, mesmo quando eles estão contratando trabalhadores. Como nós vimos, empregadores tendem a cortar os custos e a chateação de procurar novos trabalhadores recorrendo às redes de contatos dos trabalhadores que já estão empregados²⁷. Isto significa que o maior patrimônio de um candidato a emprego é possuir uma rede de amigos e conhecidos que já estão trabalhando em algum lugar, pessoas que podem oferecer um contato pessoal com o empregador. O primeiro contato de Carmem foi seu conselheiro escolar que era amigo de um gerente do Burger Barn no bairro. O novo marido de Carmem, Salvador, conseguiu um emprego numa farmácia através de um conhecido que trabalhou com ele no Burger Barn. Quando Salvador quis sair do *Barn* ele sabia a quem recorrer e fez o contato.

Pais e avós que conhecem gerentes de lojas frequentemente servem como intermediários para seus filhos e netos quando estes têm idade suficiente para um emprego no setor privado. Tamara é especialmente bem sucedida a este respeito. Sendo uma jovem mãe africana que cresceu numa moradia pública²⁸ bastante difícil, ela tem bons contatos no lugar através de sua avó e de sua mãe.

Pessoas da minha família encontram emprego através de minha avó. Minha avó é como uma fonte... “Vó, nós precisamos de um emprego”, nós dizemos. Ela vai a tal lugar, ela conhece tal pessoa e ela descobre uma vaga. Eu acho que ela conhece muitas pessoas por causa do emprego dela. Ela já está lá há talvez dezessete ou dezenove anos. Ela trabalha no *Simons Day Care Center*. Ela sabe, parece que ela conhece todo mundo do planeta.

²⁷ A utilização de referências sobre empregados para novas contratações é generalizada no setor de serviços, principalmente em hotéis e restaurantes. Num estudo sobre trinta e três hotéis, restaurantes e estabelecimentos de *fast food* em áreas urbanas e suburbanas de Los Angeles, Roger Waldinger, “Who Makes the Beds? Who Washes the Dishes? Black/Immigrant Competition Reassessed” (University of California Institute of Industrial Relations Working Paper 246, April 1993), concluiu, por exemplo, que praticamente todos os empregadores dependiam fortemente das referências dos atuais empregados para a contratação de novos trabalhadores, especialmente para tarefas desempenhadas na cozinha.

²⁸ Trata-se de um “public housing project”. É uma moradia pública, administrada pelo estado ou por organizações não-governamentais sem fins lucrativos, voltada para população de baixa-renda, ou sem renda. [Nota do Tradutor].

Através de sua avó Tamara consegue apresentar uma biografia que começa aos seus onze anos de idade. Sua avó conhecia o homem mais idoso que vendia jornais no bairro e ajudou Tamara a conseguir seu primeiro emprego entregando jornais (quando ele não podia ir muito longe para entregar o jornal para seus clientes).

“Eu costumava ficar sentada lá e as pessoas vinham, pegavam o jornal e me pagavam em dinheiro”, ela lembra. “Rudy era muito velho; ele caminhava com dificuldade. Eu era alguma coisa como uma ajudante para ele. Como sua saúde começou a piorar, ele precisou de alguém pra fazer o trabalho para ele. Ele sempre foi um bom amigo da família”.

Quando Tamara ficou um pouco mais velha e precisou de uma renda mais regular ele conseguiu um emprego num programa de trabalho para jovens e construiu uma imagem de trabalhadora confiável. Mas somente isto não foi suficiente para que ela conseguisse um emprego aos quatorze anos de idade. Felizmente, sua mãe conhecia um gerente do Burger Barn e sem dificuldade conseguiu encaixar Tamara onde ela está há cinco anos. Depois de algum tempo este gerente mudou-se para outra *franchise*, e Tamara sabe que se for necessário deixar o emprego ela poderá procurá-lo.

Ser membro de uma numerosa família é uma grande ajuda se seus parentes estiveram fora do mundo do trabalho por poucos anos. Latoya tem uma irmã que trabalha cuidando de velhos ou doentes em suas próprias casas, mas antes disso trabalhava no mesmo Burger Barn de Latoya. O namorado de sua meia-irmã trabalha num mercado de peixe. Seu tio Scott trabalha como guarda num grande Hospital. Jason, pai de um dos filhos de Latoya, tem um bom emprego trabalhando para os sindicalizados de uma companhia de construção, lugar que onde está há vários anos e que conseguiu por meio da indicação do namorado de sua irmã.

Latoya e seus irmãos são filhos de pais que trabalham, mas não cresceram em meio a circunstâncias econômicas que os leitores poderiam definir como estáveis. Seu pai, que foi motorista de caminhão até que começou a beber, esteve pouco presente durante a maior parte da educação de Latoya. Agora ele está mais presente porque está idoso, doente e precisa da ajuda financeira e emocional da família. Ele foi acolhido porque é da família já que, para a maioria, foi a madrasta de Latoya quem criou suas duas filhas. Lizzy é uma trabalhadora e uma mulher que frequenta assiduamente a Igreja. Ela passou sua vida adulta inteira trabalhando como doméstica para famílias ricas no lado leste de Manhattan. Ela veio do sul do país para o Harlem quando era uma adolescente e, desde cedo, começou a trabalhar como doméstica.

O que esta família tem feito por Latoya é possibilitar que ela acesse uma rede ampla de contatos que funciona como um sistema de captura de oportunidades de emprego. Poucos desses empregos, exceto no caso de Jason, colocarão uma família fora da linha da pobreza. Não há uma perspectiva concreta de mobilidade social para eles, embora Latoya ocupe agora o degrau mais baixo da gerência no Burger Barn e isto pode mudar sua situação num prazo mais longo. Ela depende, sobretudo, do vale-refeição para conseguir atravessar o mês e, principalmente, pagar as contas médicas uma vez que o seu acesso ao programa público de saúde foi cortado. Latoya permanece, avaliada a partir de diversos parâmetros, pobre. Mesmo assim, o simples fato de que ela está conectada a muitas pessoas que estão

empregadas dá a Latoya vantagens num competitivo mercado de trabalho. Ela tem notícias sobre vagas de emprego; ela tem pessoas que podem avalizá-la quando ela se inscreve para um emprego, pessoas que são importantes pontos de apoio e, mais do que isso, contatos essenciais num mundo onde o empregador tem a última palavra.

A partir dessas redes de relações, Latoya aprendeu uma ou duas coisas sobre a arte de procurar emprego e sobre as expectativas dos empregadores, sem mencionar algumas características que acompanham os empregos de baixa-qualificação: os baixos salários, a alta rotatividade e a dificuldade para conseguir um trabalho melhor. Para uma mãe solteira que abandonou o colégio, e portanto enfrenta algumas barreiras para encontrar emprego, esta rede social baseada na família é crucial.

Uma vez que alguém que procura emprego obtém sucesso, ele ou ela se torna rapidamente um importante recurso para as outras pessoas que compõem seu círculo de amigos. Não é um segredo que todo mundo precisa de “contatos” para entrar no mundo do trabalho. Por isso, uma história de sucesso, um empregado recentemente iniciado, também adquire uma posição privilegiada no Harlem: ele ou ela pode tornar-se alguém que vale a pena conhecer. Pouco tempo depois de Latoya e Natasha terem conseguido seus empregos no Burger Barn elas trouxeram sua irmã Stephanie e uma prima, Crystal. Anos atrás, Crystal tinha ajudado Natasha a conseguir um emprego na rede de supermercado Woolworth’s. Os contatos são cruciais para a gerência decidir entre os candidatos. Uma vez que Stephanie e Crystal têm trabalhado bem como novas funcionárias, suas performances ajudaram a estabelecer Latoya e Natasha como trabalhadoras dotadas de um bom julgamento, uma vantagem para a empresa além da contribuição do trabalho diário de cada uma. Contudo, para a família, Latoya e Natasha representam um tipo inteiramente diferente de vantagem: elas são conexões, embora ganhem somente cinco dólares por hora.

Todo mundo que trabalha ou que procura trabalho está consciente que estas conexões fazem a diferença entre conseguir rapidamente um emprego ou desperdiçar muito tempo tentando fazê-lo. Jovens de bairros decadentes, mesmo aqueles que cresceram com algum conforto, sabem o valor dessas redes sociais e da necessidade de conhecer novas pessoas para ampliá-las. Eles se informam nas redes de seus irmãos mais velhos, de seus pais, de seus professores e amigos, e eles fazem amizade com qualquer pessoa que possa ajudá-los.

A vantagem está claramente em favor daqueles que nascem em famílias onde aquelas conexões já existem, onde pessoas idosas trabalham e podem promover o acesso de seus filhos a oportunidades de emprego. Como William explicou, ele se beneficiou de “fortes laços”²⁹ estabelecidos com pessoas dispostas a ajudá-lo.

Pessoas da minha família encontram emprego através da minha mãe. Mamãe é do tipo de pessoa que pode ficar num emprego nove anos. Este é o tipo de mulher que ela é. Ela está lá no seu trabalho. Ela vai perguntar onde ela puder. Ela conseguiu muitos de seus empregos através de pessoas que conheceu. Meu irmão, ele conseguiu o emprego dele de uma pessoa que conhecia outra pessoa... e uma pessoa que conhecia outra pessoa. Isto é muito bom. Porque hoje em dia, não é o que você sabe fazer, mas é quem você conhece.

²⁹ Estudiosos interessados neste tipo de rede também chamam os contatos da mãe de William de “fortes laços”; ela pode ter “laços fracos” – isto é, contatos que não são íntimos o suficiente para indicar alguém para um emprego.

Como William pontuou, ter uma rede efetiva de contatos abrirá uma fenda numa porta, mesmo quando você não tem as habilidades que o empregador está procurando. Você pode aprendê-las no emprego, depois de vencer algumas barreiras em seu caminho.

Certas vezes você não sabe nada (sobre o trabalho). Mas se você conhece a pessoa certa, eles podem te colocar lá dentro. E você será pago sem ter de passar por testes (testes formais para contratação).

William sabe bem que quanto mais escolaridade você tiver, melhor será a qualidade de sua rede e seus integrantes poderão fazer mais por você. No mínimo, esta é uma razão tão boa quanto frequentar uma faculdade e usufruir de uma aprendizagem formal.

Você tem uma rede de contatos na faculdade e estas pessoas se formam e se dão bem na vida. E quando você está pra baixo ou precisando de alguma coisa, você liga pra essas pessoas. “Oi, lembra de mim?”... “Oi, lembro sim. Como você está?” E a próxima coisa, você sabe, “Bem... Olha, eu estou num tipo de enrascada agora”. “Não precisa dizer, eu vejo o que eu posso conseguir”. Dois dias depois, *boom!* Estou sentado com eles. Então... sim, contatos são muito importantes, muito importantes.

Conseguir um emprego não é uma tarefa exatamente fácil e certamente William exagerou ao dizer que resolveu seu problema em dois dias. Mas ele reconhece a importância de contar com outras pessoas e o fato de seus amigos e família poderem “encaixá-lo” quando ele pedir isto.

Enquanto as vantagens caem sobre aqueles que contam com muitos familiares e amigos trabalhadores, as mulheres vinculadas aos programas públicos podem ser importantes pontos de apoios porque elas também têm uma ampla rede de contatos, particularmente em habitações públicas. Os administradores dessas moradias e os professores de creches que trabalham nas proximidades são pessoas que conhecem essas mulheres. Este tipo de rede também pode ser um recurso fundamental, particularmente em comunidades pobres onde os empregos encontrados no setor público são, no mínimo, tão importantes e numerosos quanto as oportunidades no setor privado. Dana, a mãe de Kyesha Smith, conseguiu um emprego num programa público para Kyesha trabalhar como jardineira numa habitação pública, um emprego que ela agora retoma todo verão, além de sua ocupação regular no Burger Barn. Dana mantém este contato embora ela não tenha conseguido um emprego formal para si mesma nestes últimos vinte anos.

Essas redes são tão valiosas que seus membros as utilizam com prudência. Trabalhadores como Larry sabem muito bem que eles têm que ser cuidadosos quando indicam uma pessoa para seus chefes. Uma indicação infeliz pode prejudicar a boa reputação de um trabalhador e arruinar sua credibilidade para ajudar outro amigo.

Eu tentei ajudar meus amigos, mas eles não foram quando eu disse pra eles irem, você sabe, quando era a melhor hora pra ir. Eles são preguiçosos, então... eu não posso ir lá e me apresentar como referência deles. Isto vai me prejudicar. Eu não preciso disso.

Larry tem um olhar crítico sobre as pessoas de sua própria família e percebe que embora ele ame a todos, eles não são sempre as melhores apostas para serem referências. Ele acha que sua irmã é preguiçosa e que não quer trabalhar. Sua mãe também não quer trabalhar e nunca quis até onde Larry pode se lembrar. Mas pessoas com este tipo de sensibilidade são mais raras do que deveriam ser.

Eu e minha tia somos as únicas pessoas equilibradas em toda a família. Nós sabemos como segurar um emprego. Ela está no emprego dela há vinte anos. Eu não acho que ela ame o que faz, mas é o emprego dela e ela sabe como segurar ele. Eu mesmo, eu sei que eu quero ficar no meu emprego. Eu quero ficar lá enquanto eu puder. Meus primos, eles conseguem empregos. Mas eles descobrem que existem outros empregos e então eles largam seu antigo emprego pra ir pra outro emprego e não tem emprego quando eles chegam lá. Eles não pensam antes de fazerem isso.

Larry pensaria muito antes de recomendar seus primos para um emprego no Burger Barn porque ele não gostaria de ser responsável por alguém “relaxado”, alguém que provavelmente irá desapontar seu chefe³⁰.

Michelle é uma mulher idosa, nascida na Carolina do Norte, que migrou para Nova Iorque quando era adolescente. Ela praticamente só teve empregos que pagavam mal. Ela sobreviveu durante muito tempo como doméstica em Long Island. Entretanto, nos últimos treze anos aproximadamente, ela tem trabalhado no Burger Barn, onde desempenha um papel matronal cuidando do restante dos trabalhadores que têm vinte anos a menos do que ela. Ao longo dos anos, Michelle se aproximou de muitos vizinhos e familiares para ajudá-los a encontrar emprego. Mas, na maior parte do tempo, ela elimina aqueles que ela sabe que são inúteis, tipos irresponsáveis que não conseguiriam se manter no emprego. Sobre isso, ela conta que ficou “queimada” por ter confiado numa prima que indicou para um emprego.

Tinha uma prima que me pediu pra arrumar um emprego... Ela foi demitida depois de dois meses. Ela só não podia ficar sozinha; ela estava tirando dinheiro. O gerente geral a demitiu de uma forma que só eu e ela sabíamos a razão. Eu disse pra ele, “Me desculpe. Faça o que você tem que fazer. Eu não vou perder meu emprego por causa da minha família. Se demitir ela é necessário, então você tem que fazer isto”.

Esta experiência ensinou a Michelle que ela tinha que ser mais cautelosa, que avaliar uma pessoa era um risco, mesmo que ela tivesse alguma confiança nesta pessoa. Atualmente, ela faz com as pessoas tentem um emprego por elas mesmas.

Qualquer pessoa que é minha conhecida que me pede um emprego eu digo pra ela, “olha, tudo que eu posso fazer é falar pra você preencher uma ficha. Se eles te aceitarem, tudo bem. Mas não faça nada de errado, porque eu trabalho lá. E não venha agir como uma maluca e fingir que você não entendeu nada do que te falaram. Se eles falarem pra você fazer algo, você tem que fazer aquilo”.

³⁰ Os gerentes geralmente são conscientes de que os trabalhadores que indicam novos candidatos sentem-se responsáveis pela performance dos novos contratados. Sobre isto, conferir Waldinger, “Who Makes the Beds? Who Washes the Dishes? Black-Immigrant Competition Reassessed”, p.6.

Tomar esta atitude também é um risco para Michelle porque seus parentes esperam que ela os ajude³¹. Ela está evitando alguns costumes comuns às famílias pobres, que dizem que você deve ajudar seus parentes quando você possui recursos dos quais eles precisam, como a capacidade de exercer alguma influência sobre a decisão do gerente. Michelle concorda com este código de reciprocidade até certo ponto e emprestará dinheiro aos amigos e à família se eles precisarem, ou um lugar pra eles ficarem se estiverem em dificuldades. O que ela não colocará em risco é sua reputação no Burger Barn, o único emprego estável que ela já teve. Se isto lhe custar seus amigos, assim será. Ela própria admite que só tem dois ou três amigos. Ela mantém a si mesma com todo o dinheiro que recebe e não dispõe de nenhuma reserve para ajudar os outros.

A sabedoria popular sobre este tipo de contato que temos discutido é rica em toda sociedade americana. Quase todo mundo, seja qual for sua posição social, percebe que a chance para dar uma “arrancada” na vida depende da capacidade de reunir alguma força para isto. Ter contatos para entrar na escola certa ou para encontrar um apartamento é algo demorado. Existem poucas coisas em nosso sistema social que não dependem desses tipos de fatores. As imagens populares sobre o mercado de trabalho fiam-se, em grande parte, no ideal meritocrático de que o capital humano é o que realmente importa: o conhecimento, as habilidades e as credenciais formais que um indivíduo trás consigo para o mercado de trabalho. Qualidades individuais deste tipo, nós acreditamos, é um guia para quem toma decisões sobre a contratação de empregados, particularmente no universo dos empregos de altos salários, onde as habilidades técnicas e os conhecimentos profissionais importam muito. No universo dos empregos que pagam baixos salários a suposição é de que tais critérios importam menos³². Poucas habilidades estão envolvidas. O que interessa é simplesmente a habilidade de mostrar-se pontual, arrumado, limpo e saber como trabalhar com outras pessoas. Os patrões certamente podem fazer julgamentos sobre estas qualidades baseados na leitura de uma inscrição para emprego, nas informações apreendidas a partir de uma indicação ou na própria percepção em entrevistas de emprego. Tudo isto tem certo grau de verdade, mas a margem de erro é considerável (tanto em contratações para baixos salários quanto para altos salários). Dessa forma, os empregadores utilizam as informações contidas nessas redes de contato – as opiniões dos trabalhadores em que se tem confiança – para eliminar o risco de um erro e reduzir a trabalhadora para encontrar novos empregados. Com uma inundação de inscrições preenchidas abarrotando seus arquivos, a vida fica mais simples se eles recorrerem à pessoas como Larry e perguntar a elas se conhecem alguém apto a trabalhar ali.

A importância dessas redes sociais como uma fonte vital de recursos para quem procura emprego tem sido reconhecida há bastante tempo por sociólogos que estudam este processo e as maquinações do mercado que liga os empregadores aos trabalhadores. *Getting*

³¹ Carol Stack discute este mesmo tipo de conflito em **All Our Kin** (Harper & Row, 1974). Reciprocidade parece ser uma coisa boa e geralmente é algo que pode ser útil. Mas é difícil para as pessoas se afastarem dessas redes em situações em que elas podem emprestar dinheiro ou alguma ajuda que eles podem dar. Eles se arriscam a dar um passo maior do que as próprias pernas.

³² Resultados e notas de testes, por exemplo, quase nunca são usados pro empregadores para avaliar candidatos. Sobre isto, consultar Takehiko Kariya e James E. Rosenbaum, “Selection Criteria in the High School-to-Work Transition: Results from the High School and Beyond Surveys in the U.S. and Japan”, apresentado no encontro anual da *American Sociological Association*, Chicago, 1988, e discutido em Rosenbaum, Kariya, Settersten e Maier, “Market and Network Theories of the Transition from High School to Work”, pp.276-77.

a *Job*, de Mark Granovetter, esteve entre os primeiros que mostraram de forma sistemática que o “mercado” é um sistema social composto de vantagens e desvantagens. Granovetter pretendeu refundir o aspecto puramente econômico - a imagem do homem reduzida aos seus atributos e valores funcionais para o mercado de trabalho, com uma implacável ênfase no capital humano, com uma sensibilidade maior para o poder exercido no contexto social, para a importância das redes de contato na determinação de quem (entre muitos que têm as qualificações certas) realmente consegue emprego. Desde este estudo, os sociólogos têm aceitado a ideia de que redes de contatos são filtros cruciais em processos como esses destacados aqui, particularmente no que se refere ao trabalho técnico e administrativo. Este mesmo princípio funciona no Harlem. Empregadores podem ser muito seletivos, e eles se utilizam dessas redes sociais entre outras coisas como um mecanismo de racionalização do processo de escolha.

Do ponto de vista dos moradores de bairros decadentes, conseguir um emprego não é uma questão simples, mesmo quando a economia nacional está tinindo, favorecida por trinta anos de baixas taxas de desemprego. Entretanto, em Nova Iorque, a situação do mercado de trabalho não é a mesma que a do restante do país. Mesmo em 1998, quando a taxa de desemprego estava abaixo de 5%, Nova Iorque registrou cerca de 9%, e este número não incluiu “trabalhadores desencorajados” que tinham parado de procurar emprego e abandonado completamente a força de trabalho. O Harlem rotineiramente tem taxas de desemprego que são superiores ao dobro da média dos municípios. E embora seus habitantes cotidianamente procurem emprego para além dos limites do Harlem, a saturação do mercado de trabalho local dificilmente pode ser uma boa notícia.

Apesar disso, as pessoas que procuram emprego usam suas redes de contato, se candidatam onde quer que eles encontrem uma porta aberta e enfrentam exames para empregos públicos na esperança de encontrar uma boa oportunidade. Enquanto muitos voltam de mãos vazias, milhares se juntam aos seus correlatos de classe-média no mundo do trabalho.